



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA: DESAFIOS DO PROFESSOR COM O DIALETO CAIPIRA DOS ALUNOS NOS ANOS INICIAIS

Elissandra de Lima Gouveia de Moraes (UEG)¹
Marília Silva Vieira (UEG)²

Resumo: Esse artigo apresenta os desafios do professor perante o dialeto caipira dos alunos em turmas dos anos iniciais, ensino fundamental I, em escolas públicas do município de Barra do Garças/MT, e tem como objetivo geral apresentar uma reflexão sobre fenômenos linguísticos inerente à linguagem caipira dos alunos. Com base no arcabouço teórico da Sociolinguística Variacionista realizamos um estudo sobre variedades linguísticas, com ênfase no dialeto caipira. Desse modo, serão abordados fenômenos característicos do dialeto caipira, como o rotacismo, a concordância verbal não padrão e o /r/ retroflexo, a fim de investigar como se dá o condicionamento sociolinguístico de tais variáveis, que, comumente, são alvo de preconceito linguístico. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que busca explorar o dialeto caipira dos alunos. Foram usados como referenciais teóricos Bagno (2007), Rojo (2009), Rodolfo (2006), Labov (1972), Kleiman (2004), Soares (2004) e Camacho (2008), com o intuito de trazer reflexões relevantes, a partir da observância e do estudo incisivo da análise bibliográfica das obras citadas. Diante dessa pesquisa, percebemos que é de suma importância o papel do professor em sala de aula, uma vez que ele se torna responsável pela formação integral do aluno e deve considerar os diferentes falares, buscar a articulação entre as variações linguísticas, a interculturalidade e ao mesmo tempo o conhecimento da gramática.

Palavras-chave: Dialeto caipira. Variação linguística. Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade com uma grande diversidade cultural, o mesmo acontece com a língua, temos uma variação linguística muito grande, o que se torna normal entre a forma de falar das pessoas. Diante dessa realidade, vimos a importância de mostrar os desafios do professor sobre diversas perspectivas ao lidar com o dialeto caipira dos alunos

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (Unopar) e segunda licenciatura em Letras/Inglês. Pós graduada em Psicopedagogia e em gestão para o Ensino Superior.

² Professora na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Cora Coralina), onde atua no curso de Licenciatura em Letras e no Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI). Tem pós-doutorado em Letras (2018) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), doutora em Letras (2016) pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Estudos de Linguagens (2011) e licenciada em Letras Português/Espanhol (2009) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).



nos anos iniciais do ensino fundamental, como também os cuidados que devem ter com o preconceito linguístico em sala de aula em relação ao falar caipira dos alunos.

Este estudo tem como objetivo geral apresentar uma reflexão sobre fenômenos linguísticos que cercam a linguagem caipira dos alunos no contexto escolar de Barra do Garças, cidade que fica na divisa entre Mato Grosso e Goiás, onde é possível encontrar forte contingente de variedades linguísticas. Para tanto, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que busca explorar o “dialeto caipira dos alunos em sala de aula” e traz como problemas: como o professor de ensino fundamental pode lidar com a variação linguística em sala de aula? O falar caipira dos alunos pode exercer influência negativa sobre o processo de aprendizagem, dificultando a aquisição da linguagem escrita?

Ademais, será feita uma análise exploratória, que visa o aprimoramento de ideias e maiores entendimentos de novos conceitos em relação às variações linguísticas, com o intuito de trazer reflexões relevantes, a partir da observância e da análise de obras bibliográficas, artigos científicos, materiais didáticos, livros de Língua Portuguesa. Além disso, será apreciada a aula durante dois dias em turmas dos anos iniciais, do 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental, a fim de verificar a leitura e como são trabalhados a questão da fala dos alunos, se abordam sobre variação linguística. Ao trabalhar variações linguísticas o professor precisa buscar metodologias diferenciadas, levando em conta a pluralidade linguística e cultural, para que todo aluno possa se sentir valorizado no ambiente escolar.

Para tanto, o presente trabalho traz como objetivos específicos discutir a postura do professor diante do dialeto caipira dos alunos nos anos iniciais, analisar materiais didáticos afim de verificar o que trazem sobre as variantes, refletir sobre a variação linguística como algo natural na fala de alunos e professores da escola e valorizar os aspectos culturais e sociais inerentes às variações linguísticas do local.

Foram usados como referenciais teóricos, linguistas como Bagno (1999) e (2007), Rojo (2009), Rodolfo (2006), Labov (1972), Kleiman (2004), Soares (2004), Camacho (2008), entre outros estudiosos de diversas áreas da linguagem.

Entender conceitos sobre o assunto exposto serve de alicerce para a compreensão deste trabalho. Dentre as principais considerações sobre a língua, damos destaque no que diz respeito à variedade, pois, segundo Camacho (2001):



O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico. (CAMACHO, 2001, p. 50)

Mesmo que o ensino de língua portuguesa tenha passado por muitas mudanças, ainda temos um grande percurso pela frente em relação à inclusão da variante linguística dos alunos no espaço escolar.

Nesse contexto, Bagno (2007) menciona que a língua escrita é entendida como um método artificial e mecânico da língua falada. Segundo o autor, a língua escrita “[...] exige treinamento, memorização, exercício, e obedecer a regras fixas de tendência conservadora, além de ser uma representação não exaustiva da língua falada” (BAGNO, 2007, p. 82).

Quanto aos livros didáticos de língua portuguesa, Bagno (2007) destaca que muitos deles já tiveram avanços de forma positiva em determinados aspectos da língua, mas em relação às variantes linguísticas o resultado ainda nem sempre é satisfatório:

A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança. (BAGNO, 2007, p. 119)

Naturalmente, em toda comunidade de fala, há variações linguísticas, que ocorrem a partir de diversos fatores, como: questões regionais, culturais, classe social, grau de estudo, conseqüentemente, essas diferenças, estão ligadas aos papéis sociais.

METODOLOGIA

Para a elaboração desse artigo realizamos uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que busca explorar o dialeto caipira dos alunos. Para isso, foi construído aqui um trabalho híbrido elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa em campo, para melhor analisar sobre a variação linguística, principalmente sobre o dialeto caipira e, assim, poder observar a postura do professor dos anos iniciais em relação à fala dos alunos.



Foram analisados materiais didáticos e livros de Língua Portuguesa de uma escola pública em Barra do Garças, no qual foi observado a aula durante dois dias em turmas dos anos iniciais, do 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental, a fim de verificar a leitura e como são trabalhados a respeito da variação linguística em sala de aula.

Também foram analisados dois exemplares de livros didáticos de Língua Portuguesa de editoras diferentes e também estudamos alguns livros paradidáticos, que os professores utilizam para trabalhar a leitura com os alunos e participar de projetos interdisciplinares, o que ajudou bastante fazer a pesquisa de campo, de acordo com o que foi instruído no levantamento bibliográfico.

Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico sobre a questão do ensino e da variação linguística, em que se procurou maior entendimento sobre o assunto, pois buscamos aprofundamento nesse trabalho em meio à diversidade linguística em sala de aula. Após isso, passamos para a imersão no ambiente de sala de aula e de observação de como se dava o trabalho dos professores e a interação professor-aluno e da questão dos usos da língua nesse ambiente específico. Nessa ocasião, obtivemos uma coleta prévia de dados, por meio da observação e análise de materiais. Adotou-se tais procedimentos por eles serem comumente utilizados durante pesquisas de base qualitativa, sendo assim, os métodos mais propícios que consideramos à investigação sobre o ensino das variações linguísticas.

REGIONALISMO, ROTACISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO FALAR CAIPIRA DOS ALUNOS

Desde muitos anos, estudiosos vêm pesquisando sobre a variação linguística, é o caso de Labov (2001), considerado pai da Teoria da Variação, que destaca que naturalmente a língua sofre mudanças segundo a cultura e a comunidade em que as pessoas vivem.

A partir dessa perspectiva, percebemos que língua e sociedade estão interligadas, é por meio do diálogo que o indivíduo compreende o mundo pelo olhar do outro. Assim, para entender o processo das variações, temos que levar em conta a realidade da comunidade em que os indivíduos fazem parte.

São grandes os efeitos da língua na sociedade. Quando se trata da língua portuguesa, percebemos que ela apresenta grande diversidade e um sistema linguístico bem complexo,



que se adequam de acordo com as necessidades de cada comunidade em suas localidades. Nas diferentes áreas geográficas surgem as variantes linguísticas, pois toda língua falada está sujeita a sofrer variações devido a heterogeneidade e estão relacionadas assim ao contexto social.

Soares (2004) afirma que:

[...] na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias da vida social ou profissional, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea; na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividades de avaliação. (SOARES, 2004, p. 106)

Nesse contexto, o dialeto culto está relacionado ao ensino, com suas regras impostas pela gramática, no intuito de padronizar a língua, sendo geralmente, a forma mais prestigiada pela sociedade.

Neste viés, essa visão de língua leva o professor compreender e refletir que variação linguística está relacionada a questões socioculturais e que não pode ser desprezada em sala de aula, pois comportamentos discriminatórios devido à linguagem favorecem o preconceito linguístico, o que gera exclusão social.

Ao analisar o falar dos alunos da zona rural, que frequentam o ensino fundamental I da escola pública no qual realizou-se a pesquisa na cidade de Barra do Garças/MT, podemos perceber o rotacismo presente, que se trata da alteração do l pelo r, como nos exemplos: alto por arto, malva por marva, palmito por parmito, entre outras. Muitas famílias vieram do interior de Goiás, Minas Gerais, de São Paulo e de outras regiões, em busca de trabalho em fazendas e sítios, trazendo consigo sua cultura. Por causa desse fenômeno as falas das famílias que residem no campo acabam influenciando na leitura e escrita dos alunos, gerando mudanças de status e provocando distanciamento de alguns por razão da sua fala.

Vale ressaltar que o caráter retroflexo do /r/ sendo característica típica do dialeto caipira e que faz parte de uma das variantes do português brasileiro, esse rótico provavelmente deve ter sido espalhado em várias cidades através do processo migratório das



peçoas, pois é um processo bastante frequente nos falares entre as famílias sertanejas que vivem no interior. Alguns estudiosos comentam que é possível que o som retroflexo tenha nascido há alguns anos através do contato linguístico entre os portugueses e os indígenas em território brasileiro.

Contudo, essa linguagem trazida por determinados alunos, vem naturalmente das características regionais, conhecida como linguagem diatópica, representada por diferentes sotaques. Vale mencionar que muitas famílias sofrem as pressões do meio e estão resistindo com dificuldades a esse linguajar diante das novas formas de linguagem.

O DIALETO CAIPIRA NUMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

As comunidades caipiras, que se encontram em Barra do Garças, no interior de Mato Grosso, são popularmente conhecidas como aquelas famílias sertanejas, que vivem em fazendas e assentamentos próximos à cidade e apresentam um modo de viver mais rústico e muitas vezes, menos favorecido. A maneira de falar dessas famílias é caracterizada por expressões bem particulares, em que o retroflexo do erre é bem comum.

A partir dos estudos realizados até o presente momento, ficou claro que a língua está ligada à cultura do indivíduo, portanto, não pode ser dissociada. Vale ressaltar que isso pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e cabe ao professor oferecer meios de ensinar a língua portuguesa, levando em consideração as variantes da língua, os aspectos culturais e expressões linguísticas que os alunos trazem consigo para sala de aula.

Destacamos assim que se torna fundamental um currículo multicultural, que contemple temas sobre diversidade, inserindo assim os diferentes falares, os sotaques, buscando desse modo construir um ambiente mais acolhedor, que leva em consideração a realidade social do aluno.

Partindo dessa perspectiva, o professor necessita assumir uma postura intercultural no ensino de línguas, bem como fornecer subsídios e trazer reflexões críticas para sala de aula, para que o aluno valorize a cultura do outro e entenda também sua própria identidade.

Dessa forma, a partir do momento em que o professor promove políticas e oferece práticas pedagógicas que buscam a interação levando em conta que a língua varia entre as



mais diferentes culturas. Ao trazer o respeito entre elas, estará trabalhando para uma educação intercultural, que valorize assim, a cultura que o aluno traz consigo.

Nesse sentido, Bagno (2007) afirma que:

A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança. (BAGNO, 2007, p. 119)

A partir da abordagem do autor, podemos entender que a língua materna favorece no processo de desenvolvimento cognitivo do indivíduo, pois ela constitui a nossa identidade cultural.

Diante das observações realizadas neste estudo em turmas dos anos iniciais, há indícios de que falta atenção especial de alguns professores em relação ao dialeto caipira dos alunos que residem no campo. No entanto, a variação linguística é trabalhada em turmas de 4^a ano através de projetos de leitura, por meio de poemas, tirinhas e textos literários.

No entanto a partir dos livros didáticos analisados, percebemos que o tratamento referente à variedade linguística é bastante superficial, sem dar ênfase aos fenômenos linguísticos, sendo que os diferentes dialetos, como o caipira, são compostos de importantes fenômenos para o estudo da língua em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que este estudo possa contribuir de forma significativa para as práticas docentes em relação aos diferentes falares dos alunos, em especial o dialeto caipira, a fim de ampliar os conhecimentos e superar as dificuldades presentes em sala de aula em relação ao tema exposto, sendo um dos grandes desafios do professor na sala de aula.

Sendo assim, através dos resultados da pesquisa, podemos perceber que o falar caipira dos alunos influencia no processo de aprendizagem e verificamos uma visão negativa a respeito. Notamos que os alunos que vêm das fazendas próximas a cidade de Barra do Garças, principalmente aqueles que provêm de famílias menos favorecidas, têm dificuldades



de interação, sentam-se mais afastados, geralmente no fundo da sala de aula e verificamos em certas situações, que eles apresentam falas estigmatizadas por seus colegas de classe.

Que possamos refletir melhor sobre o nosso fazer pedagógico, especialmente no tratamento dado à variação linguística em sala de aula, ao modo de falar e considerar os aspectos culturais dos alunos por meio de um olhar reflexivo, reforçando de maneira positiva a diversidade linguística na escola, para que consigamos ao menos minimizar o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, Texto e Ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 2. ed. São Paulo: HUICITEC; Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976 [1955].

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. São Paulo, Brasil, Loyola 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2018.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 2007.

BRASIL, MEC/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMACHO, R. G. **Sociolinguística** - Parte II. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (ed.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2008.

CARDOSO, S. A. **Variação e ensino numa sociedade multidialetal**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA.

DISCURSO, SOCIEDADE E ENSINO, 1, 11 a 15 de setembro de 1995, Goiânia. Anais. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/Departamento de Letras, 1995.



RODOLFO I., BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. Editora Contexto, 2006.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, 2004.